

MONITORIA E PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA DISCIPLINA DE ANTROPOLOGIA RURAL

MARIANA GRIVOT¹; RENATA TOMAZ DO AMARAL RIBEIRO²; RENATA
MENASCHE³

¹Universidade Federal de Pelotas – m.grivot@hotmail.com 1

²Universidade Federal do Rio Grande do Sul – re.t.ribeiro@gmail.com 2

³Universidade Federal de Pelotas – renata.menasche@gmail.com

1. Introdução

O Programa de Monitoria da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI) busca, por meio da atuação da monitoria nas disciplinas, promover ações contínuas de apoio que contribuam para evitar a evasão e a reprovação das/os estudantes da graduação, garantindo assim sua permanência na universidade (ASSIS et al., 2006). Desde 2020, no contexto da pandemia de COVID-19, as atividades acadêmicas têm sido desenvolvidas no ambiente de ensino remoto, exigindo uma atuação diferenciada da monitoria, dado que, para além do apoio às/aos estudantes acerca do componente curricular, tornou-se necessário oferecer-lhes suporte para uma adequada adaptação ao novo formato de ensino.

Assim, considerando o referido programa e o contexto supracitado, este trabalho tem como objetivo relatar a experiência de uma estudante do Bacharelado em Antropologia, que, no período de abril a junho de 2021, correspondente ao semestre 2020/2, atuou no ensino remoto como monitora na disciplina de Antropologia Rural, ministrada pela professora Renata Menasche e oferecida pelo Curso de Bacharelado em Antropologia, do Instituto de Ciências Humanas (ICH) da UFPeI.

A referida disciplina teve como objetivo apresentar às/aos estudantes noções e conceitos básicos do campo dos estudos da Antropologia Rural por meio de filmes, documentários, leituras e debates a respeito dos trabalhos desenvolvidos por autoras/es como: CARNEIRO (1998), ao tratar de jovens rurais e a relação campo-cidade; HEREDIA (1979), ao falar sobre a divisão do trabalho no âmbito da família camponesa; PAULILO (1987), ao refletir sobre o valor do trabalho feminino no campo; COMERFORD (2005), ao falar sobre a noção de comunidade local; e CANDIDO (1987), ao definir um bairro rural. A disciplina proporcionou também a vinculação do ensino à extensão, ao promover atividades junto à Escola Família Agrícola da Região Sul (EFASUL), que resultaram em exposição de imagens sobre as diferentes visões do rural. Igualmente, promoveu a valorização da pesquisa, não apenas através da leitura de trabalhos desenvolvidos por cientistas na área da Antropologia Rural, como também por meio de duas aulas especiais, em que Ellen Woortmann e Claudia Molet apresentaram suas pesquisas.

2. Metodologia

O trabalho é um estudo descritivo, desenvolvido através de um relato de experiência, elaborado durante o exercício de monitoria da disciplina de Antropologia Rural, oferecida durante o primeiro semestre de 2021 (2020/2), contando com 31 discentes matriculados e que ocorreu, excepcionalmente, de forma remota, dado o contexto de distanciamento social decorrente da pandemia.

Composta por quatro créditos, a disciplina é componente curricular obrigatório do curso de Bacharelado em Antropologia e eletivo para outros cursos, como os de Ciências Sociais e Agronomia. A metodologia empregada na condução da disciplina é constituída de atividades assíncronas, disponibilizadas via e-AULA, e de atividades síncronas, sendo os encontros realizados através da plataforma WEBCONF. Para a organização da disciplina, foram realizadas reuniões, ocorridas nos dias de aulas assíncronas. No total, foram cinco reuniões de planejamento, registradas em ata.

Além da professora Renata Menasche e da monitora Mariana Grivot, a disciplina contou com o apoio de Carmem Janaína Machado (pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPel e educadora da EFASUL), de Renata Tomaz do Amaral Ribeiro (estagiária docente e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da UFRGS) e de Guilherme Rodrigues (monitor da disciplina no primeiro mês do semestre).

No âmbito dessa disciplina, realizou-se também ação extensionista em parceria com a EFASUL (iniciativa vinculada ao Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais – LEAA e ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Alimentação, Consumo e Cultura – GEPAC) que resultou na exposição *Visões do rural*, sediada na página da Bibliotheca Pública Pelotense (ver aqui: <http://bit.ly/visõesdorural>). Nesse contexto, foram realizadas oficinas de imagem (coordenadas por Gabriela Lamas, mestrande do PPGAnt/UFPel) junto aos estudantes da EFASUL, bem como uma oficina especial para os discentes da disciplina de Antropologia Rural, organizada por Gabriela Lamas e ministrada por Hamilton Bittencourt (técnico do LEPPAIS). A organização da exposição virtual contou também com o apoio de Flor Wienke (graduanda do Bacharelado em Antropologia), Jessica Tessmann (educadora da EFASUL) e Carolina Clasen (designer). Além disso, vale apontar que a disciplina contou com contribuições de pesquisadoras convidadas.

3. Resultados e Discussão

Considerando que, no período da realização da monitoria, a graduanda havia cursado anteriormente a disciplina; como monitora, o contato com os conteúdos abordados na Antropologia Rural possibilitaram uma retomada amadurecida ao tema.

Foi possível pensar sobre as relações campo-cidade, por meio de CARNEIRO (1998), que reflete sobre o melhor desses dois mundos no imaginário de jovens rurais; assim como conhecer mais sobre a EFASUL, por meio do documentário *EFASUL* (2019) (disponível em: <https://youtu.be/D1UH1fyeZFE>), que mostra o desenvolvimento da ação educativa junto a jovens rurais no sistema da pedagogia da alternância.

Analisou-se também o campesinato negro no litoral gaúcho, através de aula especial com a Dra. Claudia Molet, que, ao refletir sobre os quilombos Casca, Teixeira e Limoeiro, apresentou, por meio de documentos de heranças, casamentos e batizados, uma série de relações de parentesco, não consanguíneas, constituídas via apadrinhamento, inclusive entre negros brasileiros e negros de nações africanas.

Com HEREDIA (1979), oportunizou-se conhecer o trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil e como se dá a divisão das atividades conforme o gênero dentro da família, através do “roçado” e do “roçadinho”. Refletiu-se também sobre o valor do trabalho da mulher no campo, por meio de PAULILO (1987), que aponta que o trabalho é qualificado como “leve” ou “pesado” conforme

o gênero da pessoa que o realiza; assim, se determinado trabalho é realizado por mulheres, como é o caso da produção de fumo em Santa Catarina, é considerado “leve” e sua remuneração é menor.

O filme *O Quatrilho* (BARRETO, 1995), associado ao artigo de MENASCHE (2000), serviu como gancho para se pensar a reprodução social camponesa. Como mostra MENASCHE (2000), em sua reflexão sobre o referido filme, um romance como o de Máximo e Teresa consiste em uma ruptura na organização da realidade camponesa-colona, dado que esse amor está fora da ordem estabelecida para a reprodução social-camponesa, que privilegia o coletivo e não a individualidade, diferente do que ocorre nas sociedades ditas “modernas”. A conversa/live com a professora Ellen Woortmann, que resultou em uma aula aberta transmitida pela plataforma do Youtube (disponível em: <https://youtu.be/bffgDNa-744>) e posteriormente vinculada à plataforma do e-AULA, foi uma importante oportunidade para se compreender como as práticas ecoagrícolas tradicionais (como o cultivo de “pinheiros poupança” ou “reflorestamento ritual”, em que o pai ou o padrinho plantam araucárias destinadas ao recém-nascido como presente de batismo) são importantes para a reprodução camponesa.

Além disso, ponderou-se sobre a noção de comunidade, isto é, um espaço que inclui os habitantes de um determinado território como sendo membros de um grupo social, segundo COMERFORD (2005); para o autor, os sujeitos que compõem a “comunidade local” têm consciência de distinção em relação a outros grupos que têm as mesmas definições. No mesmo sentido, CANDIDO (1987) aponta que um bairro rural consiste em um agrupamento territorial em que os limites são traçados pelo envolvimento dos moradores em atividades que exigem ajuda mútua e em atividades lúdico-religiosas.

Para o adequado desenvolvimento das discussões supracitadas (em ambiente remoto), ao longo do semestre foram realizadas reuniões, para fins de planejamento da disciplina. Isso possibilitou que a monitora conhecesse mais sobre as metodologias aplicadas pela equipe docente, a saber: o planejamento de cada aula, a elaboração dos exercícios, a distribuição dos textos, o “passo a passo” das ações de extensão. Nessas ocasiões, foram determinadas as atividades que seriam desenvolvidas pela monitora, como a sistematização da frequência dos alunos, o contato com a turma via mídias digitais (tais como a própria plataforma oferecida pela UFPel), com a disponibilidade para estabelecer redes de comunicação e aprendizado para além das aulas remotas. Além disso, incentivou-se que os discentes procurassem a monitora em espaços como serviços de e-mail e mensagens instantâneas, possibilitando uma maior aproximação e diálogo entre as partes, de maneira a atender as demandas requeridas pelos discentes – incluindo suporte técnico, dada a excepcionalidade do ambiente de estudo remoto.

Também é importante apontar a ampla utilização da ferramenta “Fórum”, disponibilizada pelo sistema e-AULA, na intenção de estabelecer a comunicação entre os discentes e a equipe docente, facilitando assim o aprendizado e a troca de conteúdo. Compreendemos que o processo de aprendizagem por meio dos fóruns possibilitou o acompanhamento das aulas (tanto pelos discentes como pela equipe organizadora da disciplina), permitindo que os conteúdos fossem revistos e que novas discussões fossem levantadas; igualmente, esse meio propiciou à bolsista, além de exercer o papel de apoio aos alunos, aprender mais sobre o conteúdo.

No mais, também foi possível, através da disciplina, que a monitora participasse de projeto de extensão. Trata-se, como já mencionado, de exposição virtual, que possibilitou a troca entre graduandos/as da UFPel e educandos/as da

EFASUL, com o intuito de colocar em diálogo diferentes visões sobre o rural através de imagens.

3. Conclusões

O presente relato de experiência, realizado por meio do Programa de Monitoria, é importante e inovador porque reflete um trabalho coletivo desenvolvido no âmbito na disciplina de Antropologia Rural e que buscou valorizar não apenas o ensino, como também a extensão e a pesquisa, uma vez que, além de aulas sensivelmente alinhavadas e um belo trabalho de extensão junto à EFASUL, as pesquisadoras Ellen Woortmann e Claudia Molet apresentaram-nos com suas interessantes pesquisas. Além disso, mostra que o Programa de Monitoria é relevante não apenas para os estudantes da disciplina (que recebem apoio continuado quanto a conteúdos, datas e informações, assim como suporte técnico, dada a excepcionalidade do modelo remoto), como também para o restante da equipe docente e especialmente para a bolsista, uma vez que possibilita a sua imersão em um campo de estudos, ao revisitar uma disciplina já cursada, mas desde outro ângulo, dada a posição de monitora.

4. Referências Bibliográficas

ASSIS, F. D. et al. Programa de monitoria acadêmica: percepções de monitores e orientadores. **Revista Enfermagem UERJ**, 13.3, p. 391-397, 2006.

CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1987.

CARNEIRO, Maria José. O ideal rurano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos; SANTOS, Raimundo; COSTA, Luis Flávio (Org.). **Mundo rural e política**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

COMERFORD, John. Comunidade rural. In: MOTTA, Márcia (Org.). **Dicionário da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 112-120, 2005.

DANTAS, O. M. Monitoria: fonte de saberes à docência superior. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 95, n. 241, p. 567-589, 2014.

EFASUL; Direção: Naúro Junior. Produção: Gabi Mazza. Brasil, 2019.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. **A morada da vida**: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MENASCHE, Renata. O Quatrilho: casamento, amor e estratégias de reprodução social camponesa. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 179-193, 2000.

O QUATRILHO; Direção: Fábio Barreto. Produção: Lucy Barreto. Brasil, 1995.

PAULILO, Maria Ignez S. O peso do trabalho leve. **Ciência Hoje**, v.5, n.28, p. 64-70, 1987.